

**FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

AURIANA SANTOS LIMA CARMO

**DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO: Crianças Autistas na Educação Básica**

Aparecida de Goiânia

2020

**FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

AURIANA SANTOS LIMA CARMO

**DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO: Crianças Autistas na Educação Básica**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia da Faculdade Nossa Senhora de Aparecida: FANAP, sob orientação da Professora Dra. Maria Vany de Oliveira Freitas.

Aparecida de Goiânia

2020/1

**FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

AURIANA SANTOS LIMA CARMO

**DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO: Crianças Autistas na Educação Básica.**

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para término do Curso de Licenciatura em Pedagogia sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Vany de Oliveira Freitas.

Avaliado em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Professor- Orientador Dra. Maria Vany de Oliveira Freitas.

---

Professor Examinador – Clayton Roberto

Aparecida de Goiânia

2020/1

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me concedeu forças quando busquei amparo e refúgio diante das dificuldades no percurso da graduação.

À minha família, que sempre esteve do meu lado. Em especial o meu esposo Wesley Georje, um marido maravilhoso que nas minhas dificuldades e desânimo, sempre esteve do meu lado apoiando-me. Às minhas preciosidades, Yahana, Yasmime, Aneyiz, me inspiraram a atravessar barreiras e ir à luta. Sempre me ajudaram. Em tudo que eu precisei, elas sempre estiveram do meu lado, me dizendo: “*não desista! Você vai conseguir realizar o seu sonho!*” Aos meus pais que são o meu porto seguro. Às minhas irmãs, em especial Alcione sempre levantando o meu ânimo como seu jeito alegre de ser.

E, também, é claro que não poderiam ficar de fora, os vários professores da FANAP em especial a minha orientadora, Maria Vany que me conduziu o trabalho com paciência e com dedicação, sempre disponível a compartilhar o seu brilhante conhecimento. Ao Cleiton Roberto que é simplesmente maravilhoso. Ao Alexandro que explica de forma exemplar! Estes professores, vou levá-los de referência para a minha vida inteira, e os demais, que tiveram paciência e acreditaram em potencial.

*Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso desenvolvimento. Estudar autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas, contudo, perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para o nosso saber e ignorância [...] (BOSA, 2002, p. 13).*

## RESUMO

O tema Autismo, ainda é pouco conhecido por profissionais da área da educação, bem como, por demais profissionais que têm a responsabilidade de lidar com o transtorno. é um tema que vem sendo discutido com maior frequência e que atualmente, devido à demanda de alunos com autismo que são inseridos em ambiente escolar regular, muito vem se especulando sobre o assunto sem que haja um foco que defina o que realmente é o autismo e como se deve realizar a educação deste aluno. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), por apresentar diversas dificuldades do desenvolvimento humano, necessita do trabalho comprometido de todos os profissionais envolvidos com a educação e, principalmente da dedicação e empenho dos seus familiares. Os pais precisam entender que não necessita esconder as chamadas pessoas especiais, mas sim enfrentar olhando de frente discriminação, a incompreensão e o preconceito de cabeça erguida e ajudar os filhos na socialização para que possa incluir os (TEA) na sociedade, que geralmente exclui os diferentes. A pesquisa tem como objetivo analisar quais os desafios da inclusão da criança autista no ensino regular e as suas especificidades. O pressuposto é de que, para que possamos incluir, devemos respeitar e querer desenvolver o indivíduo em todos os aspectos dentro do processo de aprendizagem. O respeito à criança com necessidade especial ocorre à medida em que é possibilitada a essa criança a oportunidade de conviver com o outros, ditos normais, por meio de trocas necessárias para a aprendizagem e o relacionamento social.

**Palavras-chave:** Exclusão. Inclusão. Crianças autistas. Educação básica.

## **ABSTRACT**

The theme of Autism is still little known by professionals in the field of education, as well as by other professionals who have a responsibility to deal with the disorder. However, it is a topic that has been discussed with greater frequency and that, currently, due to the demand of students with autism who are inserted in a regular school environment, much has been speculated on the subject without a focus that defines what really is. autism and how to educate this student. Autistic Spectrum Disorder, because it presents several human development difficulties, requires the committed work of all professionals involved in education and, mainly, the dedication and commitment of their families. Therefore, parents need to understand that they do not need to hide the so-called special people, but face facing discrimination, incomprehension and prejudice with their heads held high and help their children to socialize so that they can include (TEA) in society, which generally excludes different ones. The research aims to analyze what are the challenges of including autistic children in regular education and their specificities. The assumption is that, in order for us to include, we must respect and want to develop the individual in all aspects within the learning process. Respect for the child with a special need occurs as this child is given the opportunity to live with others, said to be normal, through exchanges necessary for learning and social relationships.

**Keywords:** Exclusion. Inclusion. Autistic children. Basic education.

## 01- INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta concepções teóricas de alguns autores sobre a criança autista. Aponta os conceitos mais aceitos sobre o autismo hoje, as suas características, bem como as os diversos transtornos identificáveis geneticamente ou que apresentam quadros diagnósticos característicos que também estão englobadas no autismo e os possíveis rumos de trabalho a serem desenvolvidos por professores e todos os que trabalham na escola, e pelas famílias, em vista da inclusão escolar dessa criança.

A história da humanidade foi construída sob teorias e práticas sociais excludentes que afetaram a educação de forma direta. As pessoas com necessidades especiais por exemplo, foram mantidas longe das escolas e por muitos anos, sofreram e sofrem ainda, por não serem incluídas onde nunca deveriam ter sido excluídas.

Quando se ouve a palavra "autismo", logo vem à mente a imagem de uma criança isolada em seu próprio mundo, contida numa “bolha impenetrável” que brinca de forma estranha, balança o corpo para lá e para cá, alheia a tudo e a todos.

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que pode se manifestar antes dos três anos de idade e se prolonga por toda a vida. Caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afetam as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, e, dentre elas, a mais comprometida é a interação social.

No entanto, isso não significa dizer, em absoluto, que a pessoa com autismo não consiga e nem possa desempenhar seu papel social de forma bastante satisfatória. Podemos compreender esse transtorno quando estivermos dispostos a nos colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com as diferenças. Talvez seja esse o maior dos nossos desafios: aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele. Portanto, conhecer a fundo uma pessoa com autismo pode trazer um aprendizado especial para nossas vidas.

Assim como um diamante precisa ser lapidado para brilhar, uma pessoa com autismo merece e deve ser acolhida, cuidada e estimulada, diante disso temos a inclusão escolar que tem como objetivo inserir, sem distinção, todas as crianças e adolescentes com variados graus de comprometimento social e cognitivo em ambientes escolares tradicionais, com o intuito de diminuir o preconceito e estimular a socialização das pessoas com desenvolvimento atípico para que desfrutem dos espaços e ambientes comunitários, pois todos tem o mesmo direito de usufruir das coisas boas dessa vida.

A pesquisa tem por justificativa, a vontade de aprender mais sobre o autismo propor uma reflexão para auxiliar o docente, no processo de inclusão que visa, no sistema regular de ensino, o desenvolvimento educacional e social do aluno; também tem em vista aprimorar os conhecimentos neste aspecto, para que de alguma forma se possa desenvolver um trabalho pedagógico satisfatório em sala de aula.

O que me motivou a pesquisar sobre o autismo, foi a vontade de entender e saber quais as maiores dificuldades para os professores em ensinar os alunos autistas, e verificar como se desenvolve o processo de inclusão desses alunos no ambiente escolar. Procurei observar se as dificuldades podem estar relacionadas ao grande número de alunos por turma, e se referem- à falta de preparo dos professores e ainda, se o trabalho realizado hoje é capaz de proporcionar o desenvolvimento educacional e social entre os estudantes.

A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica e entrevistas com duas mães de crianças, - um menino e uma menina - autistas e uma professora que trabalha na rede municipal de educação de Aparecida de Goiânia. As entrevistas serviram para a constatação e confrontação do que dizem as mães e do que diz a professora, sobre o assunto. Metodologicamente, trata-se, portanto, de uma pesquisa de caráter descritivo, com abordagem qualitativa.

Fizemos uma revisão bibliográfica, percorrendo abordagens de diferentes autores. Grande parte desses autores fundamentam suas análises em Leo Kanner, psiquiatra austríaco, pioneiro em observar crianças com comportamentos diferentes. A obra desse autor tornou-se referência para vários outros pesquisadores que se dedicam ao estudo do autismo.

O estudo aqui apresentado está dividido em duas seções. A primeira trata do conceito de autismo e da historicidade do autismo. Mostra alguns aspectos da história do autismo em ordem cronológica ressaltando as contribuições de vários teóricos para a compreensão desse tema no processo histórico. A segunda faz uma análise sobre a exclusão e a inclusão dos alunos autistas no ensino regular. Ao final tecemos considerações gerais sobre o tema estudado.

## **02- SOBRE O CONCEITO DE AUTISMO**

O autismo foi citado pela primeira vez em 1906 por Eugen Bleuler, ao analisar crianças diagnosticadas com demência infantil. Em 1911, Bleuler definiu o termo como “perda de

contato com a realidade, causada pela impossibilidade ou grande dificuldade na comunicação interpessoal” (KENYON; KENYON; MIGUEL, 2002, p.11).

Leo Kanner, psiquiatra austríaco, radicado nos Estados Unidos, na obra “Distúrbios Autísticos do contato Afetivo” através da observação de onze casos, também descreveu comportamentos de crianças autistas dos dois aos oito anos. Nessa obra Kanner observou a solidão do autista, onde diz: “[...] é a incapacidade que têm essas crianças, desde o começo de suas vidas, de se relacionar com as pessoas e situações” (KANNER, 1943, p.242).

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que pode se manifestar antes dos três anos de idade e se prolonga por toda a vida. Caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afetam as áreas da socialização, da comunicação e do comportamento e, dentre elas, a mais comprometida é a interação social. No entanto, isso não significa dizer, em absoluto, que a pessoa com autismo não consiga e nem possa desempenhar seu papel social de forma bastante satisfatória.

Podemos compreender esse transtorno quando estivermos dispostos a nos colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com as diferenças.

Para que possamos sanar essa dificuldade podemos conhecer um pouco mais sobre esse transtorno através de vários pesquisadores e médicos de todo o mundo, que há mais de cem anos estudam sobre o autismo. Perseverança, compromisso com a ciência e compaixão com as crianças autistas permeiam a história das descobertas que melhoraram a vida dessas crianças.

Autismo tem origem no grego *autos* e significa “de si mesmo”. Esse termo foi empregado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugene Bleuler em 1911. Bleuler tentou descrevê-lo como a “fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia” (CUNHA, 2012, p. 20).

Léo Kanner, foi pioneiro ao observar crianças internadas com comportamentos diferentes de tantos outros relatados na literatura psiquiátrica, e o primeiro a publicar trabalho sobre o assunto. Relatou a “incapacidade de se relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas” (BRASIL, 2013, p. 17).

O autismo apresenta grandes evoluções desde seu conceito, até às diversas formas que ele pode manifestar-se em diferentes indivíduos, chegando até mesmo a ser confundido com outros transtornos.

Sobre isso, Fabiana, uma das entrevistadas online, que é mãe de André Luiz, criança de sete anos e quatro meses que é autista e está no 2º ano do ensino fundamental, coloca que nem toda criança com um interesse específico por um assunto pode ser diagnosticada com TEA.

*“Não. Trata-se de um mito. Nem todas as crianças com TEA apresentam necessariamente o que se convencionou chamar de “interesse focal” e nem todas as crianças com um interesse específico têm esse diagnóstico médico. O ideal na dúvida é procurar um especialista.”*

De fato, para que possam saber um diagnóstico claro é preciso que se faça as consultas com profissionais capacitados para oferecer este diagnóstico. Fabiana relata como se deu o processo de descoberta do transtorno do filho:

*“Para se ter um diagnóstico é preciso ir atrás de um especialista para confirmar o diagnóstico, que deve ser feito por um psiquiatra ou neuropediatra.(...)Eu já desconfiava que meu filho tinha algo diferente desde 9 meses de vida, como ele tem uma irmã gêmea, era nítido o desenvolvimento dentro dos padrões dela, e dele não. Viver na incerteza do que seu filho tem é muito difícil, devido ao atraso global e cognitivo, eu tive receio de até ser um tumor na cabeça, então quando recebi o diagnóstico em 02/07/2016, queria sumir e ao mesmo tempo ir para o céu agradecer a Deus, pois a partir daquele momento tínhamos a confirmação do que era o atraso, dificuldade social e outros.”*

Para Manuelita outra entrevistada, mãe de Clarice de onze anos, que está no 5º. ano do ensino fundamental, o processo de descoberta, a reação e a aceitação frente à confirmação do transtorno da filha, não foi nada fácil.

*“Tivemos que correr muito atrás de médicos para descobrir o que ela tinha, muito difícil o diagnóstico, quando descobri que ela tinha uma deficiência quase enlouqueci, nem sabia o que era autismo no começo pensava que era, depois fui aceitando, depois pensei que tinha cura que tinha algum remédio que ia melhorar com as terapias, de início não tinha noção que seria para a vida toda. Com o tempo fui me acostumando e posso falar no assunto sem chorar, ou pelo menos chorar muito. O processo de aceitação é longo e dolorido, são muitas noites sem dormir muitas lágrimas derramadas, pois não sabemos como irá ser o amanhã.”*

De fato, o diagnóstico de autismo não é fácil de se conseguir. Manuelita afirma que teve muitas dificuldades, teve que correr atrás de médicos para descobrir o que a filha tinha, após a descoberta ela quase ficou louca, mas com o passar dos anos ela aceitou.

"Em 1943, Kanner estudou onze crianças entre 2 e 11 anos de idade, três meninas e oito meninos, e descreveu todas as suas análises em um artigo intitulado *Distúrbios autísticos do contato afetivo* (MERCADANTE; ROSÁRIO, 2009, p. 35).

É preciso lembrar que, até então, os conceitos de transtorno do espectro autístico, esquizofrenia e psicose infantil se confundiam (BRASIL, 2013, p. 17).

Para o estudo de Kanner, as crianças possuíam uma condição neurológica que se daria por conta da incapacidade que elas apresentavam no estabelecimento de vínculos afetivos próximos como outras pessoas que apresentavam também, uma certa dificuldade de suportar modificações do cotidiano.

Em 1949, Kanner referiu-se ao mesmo quadro como uma síndrome, denominando-a "autismo infantil precoce". Em suas pesquisas, percebeu outras características comuns à maioria das crianças: "sérias dificuldades de contato com as pessoas; ideia fixa em manter os objetos e as situações sem variá-los; fisionomia inteligente; alterações na linguagem do tipo inversão pronominal, neologismos e metáforas" (RODRIGUES; SPENCER, 2010, p. 18).

Em 1950, apresentou mais 38 casos semelhantes em Tratado de Psiquiatria Infantil. Decidiu, então, separar autismo de esquizofrenia infantil, embora ainda o mantivesse no grupo das psicoses infantis. E ressaltou a necessidade de verificar o autismo como sintoma primário, afastando esse quadro de outros quadros orgânicos e psíquicos.

Enquanto Kanner se aprofundava em autismo, o médico austríaco Hans Asperger observava crianças com um quadro semelhante ao descrito por Kanner. No entanto, os indivíduos analisados mantinham como característica a presença da intelectualidade e maior capacidade de comunicação. Asperger intitulou sua pesquisa como "psicopatia autista" (CUNHA, 2012, p. 22).

O psicólogo chegou a dizer que as crianças autistas já nasciam assim, dado o fato de que o aparecimento da síndrome era muito precoce. À medida que foi tendo contato com os pais destas crianças, ele foi mudando de opinião. Começou a observar que os pais destas crianças estabeleciam um contato afetivo muito frio com elas, desenvolvendo então o termo "mãe geladeira" para referir-se às mães de autistas que, com um jeito frio e distante de se relacionar com os filhos, promoveram neles uma hostilidade inconsciente, a qual seria direcionada para situações de demanda social (SILVA, 2009. p.126).

Na afirmação de Kanner as crianças tinham o diagnóstico de autismo, porque os pais não tinham uma relação de afetividade com as crianças, as mães tinham um jeito frio e distante de relacionarem com os filhos, não tinham apego e nem davam carinho. Eram frias assim, como geladeiras.

Kanner utilizou a descrição de alguns casos clínicos, caracterizando a história familiar, aspectos físicos e comportamentais, desempenho nos testes de inteligência, além de enfatizar a preocupação com a abordagem educacional destes indivíduos. Ambos os trabalhos tiveram impacto na literatura mundial; no entanto, em momentos distintos. As descrições de Kanner foram rapidamente absorvidas pela comunidade científica. A abordagem etiológica do Autismo Infantil, proposta pelo autor, salientava a existência de uma distorção do modelo familiar, que ocasionaria alterações no desenvolvimento psicoafetivo da criança, decorrente do caráter altamente intelectual dos pais destas crianças.

Apesar desta proposição, Kanner não deixou de assinalar que algum fator biológico, existente na criança, poderia estar envolvido, uma vez que as alterações comportamentais eram verificadas precocemente, o que dificultaria a aceitação puramente relacional. Esses referenciais para a hipótese etiológica foram, de certo modo, precursores de duas abordagens teóricas distintas para o estudo do Autismo Infantil, ainda hoje motivo de controvérsias.

Nos últimos anos, alguns estudiosos referiram-se a “causas genéticas ou síndromes ocorridas durante o período de desenvolvimento da criança” (CUNHA, 2012, p. 19). Hoje sabemos que se trata de um “transtorno cerebral presente desde a infância em qualquer grupo socioeconômico e étnico-racial” (MERCADANTE; ROSÁRIO, 2009, p. 36).

Cunha os observou os comportamentos, relatados pelos pais e hipotetizou a predisposição da criança como possível desencadeador da condição patológica. Em busca de evidências que justificassem a precocidade das manifestações clínicas, os conceitos teóricos sobre a etiologia e dinâmica do Autismo se modificaram gradativamente, ao longo do tempo.

Desse modo, em contrapartida à concepção original da etiologia afetiva e de incapacidade relacional, há as abordagens que buscam uma etiologia orgânica para o quadro e o caracterizam, prioritariamente, por falhas cognitivas e sociais. Passou-se a discutir os conceitos do Autismo sob os diferentes pontos de vista teóricos. Em um dos primeiros estudos delineados, Kanner buscou fazer a distinção terminológica entre o Autismo, a Esquizofrenia e a Psicose Infantil.

Os critérios incluíam a perda do interesse social e da responsabilidade; alterações de linguagem que vão desde a ausência de fala até o uso peculiar da mesma; comportamentos

bizarros, ritualísticos e compulsivos; jogo limitado e rígido; início precoce do quadro, ou seja, antes dos 30 meses de vida.

O estudo dos fatores neurofisiológicos e bioquímicos. Concluíram tratar-se de uma síndrome com comportamentos específicos, manifestados precocemente, com alteração em diversas áreas do desenvolvimento, tais como: percepção, linguagem e cognição. Em pesquisa recente sugeriu-se que a causa do Autismo Infantil pode estar vinculada à alteração neuroanatômica, ou seja, sujeitos autistas podem apresentar um modelo neuroanatômico, extremamente, masculino. Este fato ocorre, provavelmente, devido às altas taxas de testosterona a que os autistas são expostos, no período pré-natal.

Desde então muitos caminhos foram traçados para pensar as particularidades das crianças autistas. Particularidades consideradas contraditórias, suas relações excepcionais com a linguagem, sua relação com o outro, os objetos e o próprio corpo. Se a neurologia e as psicologias comportamentais descrevem o autismo como uma síndrome aparentemente orgânica, e a psiquiatria o considera um distúrbio psicoafetivo ou mesmo uma doença geneticamente determinada, contudo, o campo da psicanálise “[...] demonstra uma visão original do autista, compreendendo-o como um trabalhador incessante em seu propósito de regulação de seu Outro [...]” (PIMENTA, 2003, p.136).

Para Pimenta a chave para o fenômeno clínico do Autismo Infantil pode estar na influência genética como base para os déficits cognitivos encontrados neste distúrbio. Já nos estudos iniciais, observamos a menção à influência genética como provável fator etiológico. Pimenta salienta também a necessidade do estudo da associação entre os achados genéticos e os prejuízos cognitivos, específicos dos sujeitos autistas. A hipótese é de que haja uma falha cognitiva que justifique os prejuízos sociais e de comunicação no Autismo Infantil .

Portanto, os pais precisam entender que não necessita esconder as chamadas pessoas especiais, mas sim enfrentar olhando de frente a discriminação, a incompreensão e o preconceito de cabeça erguida e ajudar os filhos na socialização para que possa incluir os (TEA) na sociedade, que geralmente exclui os diferentes

Às vezes, a família esconde o filho especial, diferente, tentando evitar a discriminação e o preconceito. É muito duro enfrentar a incompreensão, mas a fuga não é o caminho certo. Entretanto é necessário mostrar que todos os seres humanos têm direito de usufruir as coisas boas desse mundo. Para que possamos incluir, devemos respeitá-los e querer desenvolver o indivíduo em todos os

aspectos dentro do processo de aprendizagem (TABACHI, 2008, p.161).

Neste sentido é esclarecedor o relato da entrevistada Fabiana, ao tratar de seu processo de aceitação quando descobriu que André Luiz, seu filho era autista.

*“Vou ser egoísta em dizer que não queria o autismo no meu filho, é doído, é complicado, é difícil, uma luta sem fim, mas devido ao autismo dele hoje sou uma pessoa muito melhor. Como eu já desconfiava, meu luto durou um dia e no outro virou luta. Mas tem dias ruins e dias bons, tem dias de choros e dias de alegria, como qualquer ser humana.”*

Para os pais às vezes esconder as dificuldades e limitações que o filho tem é um meio de evitar o sofrimento, tanto deles quanto da criança, que por sua vez, não compreende o que está acontecendo.

Muitas pessoas não têm o conhecimento e com isso acabam ofendendo e cometendo a discriminação dessa categoria. Entretanto, podemos observar nas falas das mães de crianças autistas o que elas pensam sobre o que a sociedade deve fazer. Fabiana, mãe do menino André Luiz, por exemplo, afirma que,

*“nos últimos anos, a conscientização acerca dos direitos da pessoa autista tem ganhado o espaço na sociedade. Embora tal enfoque tenha vindo depois de muita incompreensão, é louvável que a atual geração já comece a ter o reconhecimento que esse grupo merece.”*

É preciso saber as muitas maneiras que podem facilitar o acesso às atividades sociais, por parte de pessoas que tem autismo. As ações de inclusão podem começar em casa, em situações que farão com que a criança, o adolescente ou o adulto autista possa ser inserido em atividades que possibilitem e a seus familiares, resultados muito satisfatórios. O foco é, certamente, em um trabalho intenso de conscientização e insistência na necessidade de redução do preconceito.

Manuelita, em seu relato, diz que *“se a sociedade fosse menos preconceituosa era um bom começo.”*

Então, deve-se abandonar a ideias de que os indivíduos com necessidades educativas especiais devem ficar à margem da sociedade, pois os mesmos possuem direitos e deveres como todo cidadão o que vem proporcionar uma sociedade, uma visão reflexiva sobre a inclusão e exemplo de cooperação uns com os outros em toda gama de interação social.

A forma como a sociedade interage com as pessoas com deficiência se modificou e vem se transformando ao longo da história. Muitos foram considerados incapazes, inválidos, inferiores, antes que fossem vistos como cidadãos de direitos e deveres [...]. Somente com a modificação da sociedade, propiciada pela interação com as pessoas com deficiência, é que se pode vislumbrar uma sociedade mais fraterna e cooperativa (LIMA, 2006, p. 27)

Diante da fala de Lima, as pessoas que apresentavam alguma deficiência eram vistas como pessoas incapazes, as quais não serviam para fazer e aprender nada. Com o passar dos anos, a sociedade foi tendo mais conhecimento e informações sobre as limitações de cada um, e aprendendo a lidar com aqueles que necessitam de cuidados especiais.

Para Kanner, o autismo foi concebido como um distúrbio primário semelhante ao descrito para a esquizofrenia. Portanto, podemos entender que pessoas com deficiência são, antes de mais nada, pessoas como quaisquer outras, dignas de direitos, que merecem ter reconhecida sua dignidade, sua autonomia e a plena participação e inclusão na sociedade com oportunidades, igual a qualquer outra pessoa porque a deficiência é apenas mais uma variável da condição humana.

Kanner declarou que todos os indivíduos com o transtorno do autismo não possuíam aptidão para o relacionamento social nem para reagir perante situações da vida. Nessa concepção, o autista não teria imaginação. Ao contrário, Bleuler afirmou que os mesmos indivíduos sofriam com a ausência da realidade, pois penetravam em seu mundo particular, ignorando o seu redor. O autista mergulharia no seu interior, em sua própria e fecunda imaginação (RODRIGUES; SPENCER, 2010, p. 19).

Ao contrário do que Kanner afirma que os autistas são pessoas que nasciam como transtornos porque as mães eram frias como uma geladeira, e que não possuíam aptidão para viver e se relacionar com a sociedade Spencer acredita que os indivíduos sofriam com a ausência da realidade, por não dar conta de sair do mundo que para eles era a realidade, um mundo no qual eles mergulhavam na sua própria imaginação.

Com o passar do tempo, outros estudos foram realizados e novas características foram apontadas: dificuldade de percepção de sentimentos; “distúrbios do sono e da alimentação; problemas digestivos nos primeiros meses do nascimento; anomalias congênitas; e impor respostas ou hiper respostas aos estímulos sensoriais”. O aparecimento dos sintomas dá-se antes dos 3 anos de idade; mais comum entre meninos, mas, quando presente em meninas, sua manifestação torna-se mais intensa; 70% a 80%

possuem comprometimento intelectual (RODRIGUES; SPENCER, 2010, p. 18).

Considerando o estudo feito através dessas 11 crianças diagnosticadas com esquizofrenia, Kanner observou o autismo como a característica mais acentuada, chegou a afirmar que o autismo era inato, pelo fato de suas características se mostrarem precocemente, antes mesmo da criança completar três anos. Para o psiquiatra austríaco Hans Asperger o autismo é, portanto, uma deficiência marcante no relacionamento social e na habilidade de comunicação. Esta condição foi chamada de Síndrome de Asperger em 1981. Em 1984, foi incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID.10), classificação de transtornos mentais e de comportamento pela OMS, organização mundial de saúde A síndrome está classificada sob o registro número (F84.5.)

[...] A Síndrome de Asperger existe de maneira continuada — algumas pessoas apresentam os sintomas em tal grau que a sua capacidade para viver sozinha na sociedade fica gravemente comprometida. Outros são afetados levemente, o suficiente para que possam levar a vida à sua própria maneira, depois de uma certa adaptação. (John Elder.9 de jul.2018.p.28)

Algumas pessoas com asperger enfrentam dificuldades por terem este transtorno, entretanto muitos cujo grau do autismo não é grave adquirem sucesso, no trabalho, e podem demonstrar suas habilidades únicas. Podem demonstrar que, com força de vontade e ajuda de quem está ao seu redor, é possível ser bem sucedidas na vida profissional e ter carreira de sucesso. Assim como qualquer outra pessoa, podem mostrar para a sociedade que autismo, não é uma doença, mas uma forma de ser, não há nenhuma cura, nem é preciso.

Há, no entanto, a necessidade de conhecimento e de adaptação por parte das crianças com asperger. Suas famílias e seus amigos, precisam compreendê-las e aceitá-las do jeito que são.

### **03- A INCLUSÃO ESCOLAR**

A escola tem por objetivo viabilizar o desenvolvimento e o aprendizado para se tornarem cidadãos, fazendo e ensinando para que adaptem as técnicas de leituras, escritas, cálculos e estudos, com o intuito de inserção na comunidade, facilitando e propondo soluções de sobrevivência. "O direito à educação da pessoa com deficiência, tem por objetivo garantir

uma educação adequada, com recursos, programas, projetos, implantados nas escolas, educando na diversidade, com e apesar dos vários desafios” (PAULA,2005, p.12).

A perspectiva de se formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo é fruto do exercício diário da cooperação e da fraternidade, do reconhecimento e do valor das diferenças, o que não exclui a interação com o universo do conhecimento em suas diferentes áreas. Com tudo isso, afirma-se que uma escola para todos não desconhece os conteúdos acadêmicos, não menospreza o conhecimento científico sistematizado, mas também não se restringe a instruir os alunos.

Então, um dos questionamentos que fizemos a uma docente e às mães de crianças autistas, foi sobre o ponto de vista de cada uma em relação à maior dificuldade enfrentada pelo professor na rotina da inclusão do autista na escola. As respostas obtidas foram variadas. A professora Marla, inicialmente conta um pouco de sua experiência em lidar com crianças com autismo.

*“Minha experiência em trabalhar com um aluno com (TEA), Transtorno do Espectro Autista, ou seja, um distúrbio do comportamento, está sendo considerada a maior e melhor experiência que estou tendo nesses mais de 20 anos de trabalho em escolas! Trabalho esse que não é fácil, mas é muito gratificante ao ver resultados positivos!*

*Sempre fui parceira da APAI de Aparecida de Goiânia nas festividades me interagindo com todos que lá estavam entre eles os autistas! E trabalho como apoio de crianças especiais há dois anos, em especial com um autista há exatamente cinco meses.”*

Ao relatar sobre a inclusão da criança autista na escola a professora Marla diz que:

*“a inclusão começa na matrícula, que é direito garantido por lei, esta não se encerra aí. A escola deve oferecer um ambiente onde os alunos autistas se sintam acolhidos, respeitados e recebam as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento integral que os demais estudantes. É somente a partir desta integração participativa que gestores, docentes e colegas podem então apoiar estas crianças e jovens em suas especificidades.*

Por sua vez, Manuelita, mãe de Clarice tem o seguinte ponto de vista:

*“os diretores não têm interesse também, pois acham que inclusão é só aceitar o aluno na escola e não colocam a criança para participar de quase nada. Sempre chego na escola e vejo Clarice isolada do restante da escola. A escola até hoje foi para cumprir tabela.”*

À questão de como lidar com as dificuldades enfrentadas na escola, Manuelita responde que é:

*“complicado porque se vamos questionar alguma coisa, falam que não tem como os professores fazer algum trabalho.”*

Fabiana, mãe de André Luiz, da mesma forma que a professora Marla, afirma que:

*“a inclusão deve começar na matrícula, direito garantido por lei, mas não se encerra aí. A escola deve oferecer um ambiente onde os alunos autistas se sintam acolhidos, respeitados e recebam as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento integral que os demais estudantes. Como o espectro do transtorno autista é amplo e se manifesta de diferentes maneiras, para algumas crianças a dificuldade pode estar na fala, muito embora ela ouça e compreenda perfeitamente tudo o que é dito. Outros têm menos sensibilidade no tanto e precisam destes estímulos sensoriais. Compreender o que os agrada e causa desconfortos é, portanto, essencial. Outro passo indispensável é conversar com os professores, mantendo reuniões periódicas para discussões, relatos de experiências e leituras. Esclarecimentos sobre a condição também precisam ser disseminados entre o corpo docente e demais funcionários a fim de desconstruir falácias como aquela que diz que os alunos autistas são menos capazes. É importante reiterar como estes estudantes, na verdade, têm tempos e maneiras diferentes de estabelecer relações afetivas e de ensino-aprendizagem. Lembrando que também é garantido por lei o professor de apoio para aqueles casos que necessitam.”*

De acordo com as mães, Fabiana e Manuelita e a professora, Marla para que haja verdadeira inclusão na escola é preciso que isso ocorra desde a matrícula, mas também é preciso que os demais profissionais que trabalham na escola se preparem para que possam acolher essas crianças que tanto necessitam de cuidados especiais.

Destaca-se que a luta na educação não é recente, a primeira LDB foi em 1961. Sucederam-se posteriormente a LDB nos anos de 1971 e depois em 1996 e somente esta última destaca um capítulo destinado a educação especial, segundo Paula (2005, p.12).

Desse modo, Cunha afirma que, não há inclusão sem a consideração do importante papel do professor. É necessário que o professor possua suportes que auxiliem em seu trabalho inclusivo, pois não havendo tais condições não fará sentido os estudos sobre as dificuldades de aprendizagem e como o mesmo deve intervir diante das situações se não tiver as devidas possibilidades para a inclusão do aluno.

Como foi mencionado, de acordo com as falas das mães a inclusão deve ser feita logo no ato da matrícula para que as crianças sejam inseridas na escola, tendo dessa maneira o seu direito à educação garantido. Entretanto, existem escolas que acham que por receber o aluno com as suas limitações, já está de fato o incluindo. Assim, Manuelita ao ser perguntada sobre as dificuldades enfrentadas pelos pais para matricular os filhos com TEA no ensino regular, responde que, *“geralmente a escola aceita fazer a matrícula de boa. O problema vem depois. Temos que correr para conseguir o professor de apoio e tentar a tão sonhada inclusão.*

A matrícula muitas vezes é aceita apenas porque está na LDB - Lei de Diretrizes e Bases da educação que foi sancionada em 1996.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4.024/61 garantiu o direito dos “alunos excepcionais” à educação, estabelecendo em seu Artigo 88 que para integrá-los na comunidade esses alunos deveriam enquadrar-se, dentro do possível, no sistema geral de educação. Entende-se que nesse sistema geral estariam incluídos tanto os serviços educacionais comuns como os especiais, mas pode-se também compreender que, quando a educação de deficientes não se enquadra no sistema geral, deveria constituir um especial, tornando-se um subsistema à margem (PAULA, 2005, p.12).

Paula (2005, p.12) ainda destaca que essa lei foi de extrema importância tendo em vista as oportunidades frente à educação e a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. Neste ponto, descrever a verdadeira inclusão, não é a pessoa deficiente, no caso o autista, que deve se adaptar à instituição escolar regular, mas esta que deve ser consciente de seu papel e se colocar pronta a oferecer tudo o que for necessário para que as necessidades deste aluno sejam realizadas.

Contudo, para Fabiana que é advogada e mãe do aluno André Luiz, em uma escola inclusiva

*“o processo educativo deve ser entendido como um processo social, onde todas as crianças portadoras de necessidades especiais e de distúrbios de aprendizagem têm o direito à escolarização o mais próximo possível do normal. Ou seja, uma modalidade de ensino para todos.”*

Diante da fala de Fabiana, para que ocorra o processo educativo é preciso que todas as pessoas da instituição possam perceber que as crianças autistas têm o mesmo direito a uma educação de qualidade. Portanto, a educação de crianças autistas não deve ser vista apenas como um cumprimento obrigatório. Primeiramente, é preciso procurar esses direitos.

A educação é um direito de todos, e não deve ser vista apenas como um cumprimento obrigatório, pois, “fazer valer o direito à educação para todos não se limita a cumprir o que está na lei e aplicá-la sumariamente, às situações discriminadoras. O assunto merece um entendimento mais profundo da questão da justiça” (MANTOAN, 2006, p. 16).

A respeito da lei que garante à Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, a professora Marla recorda que:

*“em 2012 a então presidente Dilma Rousseff, aprovou a Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A lei diz que as pessoas com autismo têm direito a uma acompanhante especializado nas escolas, desde que seja comprovada a real necessidade, que pode ser com um laudo médico ou relatório de um pedagogo especialista em educação especial. Recusar ou dificultar a matrículas de estudantes com autismo é crime.”*

Nesta mesma perspectiva, Fabiana reforça que recusar ou dificultar a matrícula de crianças autistas é um ato ilegal, é crime.

*A maioria das escolas não estão preparadas, e muitas delas negam a matrícula, configurando desta forma um crime, é uma das maiores dificuldades que temos, fora o constrangimento e dano emocional que as famílias passam por isso.”*

Fabiana que, como mencionado anteriormente, é advogada e mãe de uma criança com autismo, na entrevista assinala ainda que, a

**LEI FEDERAL n. 12.764 DE 2012 - POLÍTICA NACIONAL DE PROTEÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

*Art. 7º - O gestor escolar, ou autoridade competente, quer recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos.*

Logo, é necessário ter um entendimento mais amplo, muito mais profundo do que o simples fato da necessidade em cumprir a lei, tendo em vista que é necessário saber o real valor de fazer uso de tal obrigação, utilizando assim, a consciência crítica e reflexiva mediante o cumprimento dessa lei.

Ao questionamento que fizemos à Fabiana sobre o que pode ser feitos e a escola não aceitar a matrícula de uma criança autista, a entrevistada respondeu nos seguintes termos:

*“Em primeiro lugar é bom frisar que a escola cometeu um erro gravíssimo e deverá responder de ordem material e moral para a criança autista. Além disso, o artigo 4º da Lei 12.746/2012, diz que o autista não poderá sofrer qualquer discriminação por motivo da deficiência. O direito de frequentar a escola e participar plenamente de todos os aspectos da vida escolar é assegurado em lei. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI), aprovada em 2015, determina que o acesso de crianças e adolescentes com deficiência à educação não pode mais ser negado, sob qualquer argumento, tanto na rede pública quanto na privada. A lei proíbe, ainda, a cobrança de qualquer valor adicional nas mensalidades e anuidades para esse público. Se, no entanto, as tentativas de diálogo com a escola se esgotarem, uma alternativa é contatar a área de educação inclusiva da Secretaria de Educação do município e, oportunamente, o Ministério Público, exigindo os direitos da criança. Lembrando que o direito à educação inclusiva não se restringe ao acesso (matrícula e presença), compreendendo também o desenvolvimento de suas potencialidades para a plena participação em igualdade de condições.”*

Existem pontos fundamentais para a inclusão de uma criança autista na escola. Para isso é fundamental que todos os envolvidos, família, amigos e escola, os tratem normalmente, tentando entendê-los na sua forma de ser, proporcionando o tratamento em todas as áreas que precise.

No desenvolvimento educacional da criança, para inseri-la em uma sala regular de ensino, é necessário que a prática educativa utilizada pela professora, atenda às necessidades do aluno autista; para que o trabalho do professor obtenha sucesso, ele precisa do total apoio da escola, que por sua vez necessita ter em seu espaço a sala de atendimento, que é uma sala específica para o trabalho com atividades adequadas para a criança autista, onde ele terá seu primeiro contato com a escola e dependendo do seu desenvolvimento, ele é integrado nas salas de ensino regular.

Por esse motivo, mais do que a aprendizagem em si, é indispensável oferecer um ensino de qualidade e a criação de uma outra consciência. Neste sentido, Fabiana, faz as seguintes considerações:

*“Nos últimos anos, a conscientização acerca dos direitos da pessoa autista tem ganhado o espaço na sociedade. Embora tal enfoque tenha vindo depois de muita incompreensão, é louvável que a atual geração já comece a ter o reconhecimento que esse grupo merece. Contudo, ainda é preciso saber de muitas*

*maneiras que podem facilitar o acesso de quem tem o autismo a atividades sociais. As ações de inclusão podem começar em casa, em situações que farão com que a criança, o adolescente ou o adulto possa ser inserido em atividades que podem trazer ao autista e a seus familiares resultados muito satisfatórios.”*

E a respeito do que os professores devem fazer para minimizar essa dificuldade, Fabiana responde:

*1 Utilizar formas diferentes para apresentar informações; 2 Tentar minimizar as distrações do aluno em sala de aula; 3 Ensinar métodos de estudo e estratégias de aprendizagem; 4 Planejar rotinas diárias de estudo para o aluno; 5 Fornecer aulas de reforços e monitorias; 6 Manter contato e relacionamento com a família; 7. Fazer o PEI. O processo de ensino para crianças com atraso no desenvolvimento é chamado de PEI. O plano de ensino individualizado (PEI) ajuda nos estudos e como ensinar de modo eficiente para essas crianças que precisam de uma atenção maior. É um recurso pedagógico que focaliza somente no aluno. Resumindo: Se especializar, analisar cada caso, lembrando que autismo é um espectro, cada um é de um jeito, não é receita de bolo.”*

É fundamental um plano de ensino que respeite a capacidade de cada aluno e que proporcione atividades diversificadas, considerando o conhecimento que cada aluno traz para a escola. Especialistas sugerem que os conteúdos em debate sejam fundamentais para o desenvolvimento da criança autista. Nesse caso, o que está em jogo são as disposições do autista.

É nelas que se deve investir para, assim, desenvolver essa ausência de habilidades, sendo necessário esperar um desempenho oferecido, ao que a maioria dos indivíduos do espectro autista não corresponde, pois cada criança reage de um jeito. Portanto, para que os alunos com autismo possam ser incluídos no ensino regular é preciso que os profissionais criem uma relação de confiança com o estudante.

Falar com uma linguagem objetiva, investir em atividades de interesse do aluno, evitar atividades muito longas que prejudicam, são atitudes importantes para as quais o professor deve ficar atento. Além disso é importante o olhar atento do professor ao comportamento do aluno autista para que saiba quando algum estímulo está sendo positivo ou negativo, visto que é a partir de tal observação que o profissional poderá intervir da melhor maneira possível evitando assim a exclusão escolar que se manifesta das mais diversas e perversas maneiras, e quase sempre o que está em jogo é a ignorância do aluno .

A inclusão é um processo que envolve família, escola e comunidade escolar. Desse modo, para que não seja apenas uma teoria, é preciso estar atento às condições necessárias para a efetivação que a inclusão propõe caso contrário, uma escola que prega ser inclusiva estará contribuindo para prejudicar o aluno autista, por não oferecer atos e recursos importantes para a realização da mesma. Assim,

a inclusão vai além da estrutura e da boa vontade dos profissionais da educação, “incluir é aceitar, é sentir a educação além do contexto físico do espaço sala ou escola, é, sobretudo, uma forma de estar e de ser dos pais, dos docentes e não docentes, das escolas, da sociedade e do mundo em geral. Isto é inclusão” (CAVACO, 2014, p. 36).

Incluir envolve não somente o “corpo interno” escolar, mas sim toda a sociedade em que a escola está inserida, pois é fato que a realidade local deve ser considerada para tomada de decisões. O papel do professor é de grande importância para a inclusão do estudante, pois se tal profissional não exercer seu trabalho adequadamente, a inclusão será apenas mais uma palavra e não um exercício.

Sabe-se que, a formação do profissional da Educação só se faz competente quando tal profissional encontra-se em ligação com reconhecimento da realidade que permite conhecer a si mesmo e ao outro, auxiliada de atividades que o ajude a aprender com suas próprias experiências e acima de tudo que o comprometam (HERNÁNDEZ; SANCHO, 2006, p.51).

Diante de tal afirmação, compreende-se que, conhecer e reconhecer a realidade do aluno e de todo o processo para se fazer inclusivo é que torna a formação docente competente, pois além de trabalhar as capacidades do educando o professor tende a trabalhar as suas próprias competências e construção do conhecimento. Além disso, a educação inclusiva é aquela que a modalidade do ensino na qual o processo educativo deve ser considerado como um processo social, em que todas as pessoas, com deficiência ou não, têm o direito à escolarização. É uma educação voltada para a formação completa e livre de preconceitos que reconhece as diferenças e dá a elas seu devido valor.

Entre os questionamentos feitos à professora Marla, foi a respeito de como ocorre o relacionamento da turma com a criança autista na sala de aula. Sobre isso, a entrevistada afirma que *“há interatividade entre toda a turma em atividades feitas coletivamente! Havendo essa interação todos sabem respeitar o direito de cada um, deixando que o aluno autista se sinta bem, no meio dos outros.”*

De acordo com essa resposta percebe-se que a professora procura fazer com que a turma interaja com o aluno autista para alcançar um maior êxito de relacionamento com a classe, incentivando o diálogo com as crianças para que o relacionamento ocorra da melhor maneira possível.

Para que a inclusão aconteça, é fundamental a criação de redes de apoio aos educadores. Levar uma criança que tem o transtorno do espectro autista até o momento da alfabetização é a preocupação de muitos pais e professores e é sempre um caminho que precisa ser percorrido com paciência, sem pressa e que envolve muitas etapas.

A inclusão da criança com autismo no ensino regular gera uma série de situações, que a legislação que regulamenta o acesso da criança a escola, não prevê. Perante esta realidade, surge a questão: o professor, diante da manifestação do transtorno e da cobrança da instituição por resultados, encontra-se preparado para realizar a educação e promover o desenvolvimento deste aluno?

Como o espectro do transtorno autista é amplo e se manifesta de diferentes maneiras, para algumas crianças a dificuldade pode estar na fala, muito embora ela ouça e compreenda perfeitamente tudo o que é dito. Outros têm menos sensibilidade no tato e precisam destes estímulos sensoriais. Compreender que os agrada e causa desconfortos é, portanto, essencial.

Outro passo indispensável é a mãe do aluno autista conversar com os professores, para que possam fazerem reuniões periódicas para discussões, relatos de experiências e leituras. Esclarecimentos sobre a condição também precisam ser disseminados entre o corpo docente e demais funcionários a fim de desconstruir falácias como aquela que diz que os alunos autistas são menos capazes. É importante reiterar como estes estudantes, na verdade, manifestam tempos e maneiras diferentes de estabelecer relações afetivas e de ensino-aprendizagem. A conscientização sobre essas diferenças é muito importante entre todos os envolvidos na escola. Nesse sentido, a professora Marla fala da importância dessa conscientização. Assim o trabalho deve ser feito,

*“conscientizando todos os colegas que somos todos iguais, apenas com uma dificuldade de aprendizagem maior ou menor um do outro, além de interagir o aluno a todos em sala com dinâmicas, acolhimento coletivo, atividades feitas em grupo!”*

Lembrando que também é garantido por lei o professor de apoio para aqueles casos que necessitem.

Diante da fala da mãe, o aluno com autismo deve ser bem recebido no ato da matrícula, e não somente diante do gestor, mas toda a escola deverá ser adequada para receber esses alunos com qualidade de ensino e de acolhimento, ter parceria sempre com as famílias, fazer reuniões para que possam aprofundar mais conhecimentos sobre os autistas diante das experiências vivenciadas. Além disso, toda a escola deve ter esse conhecimento para que todos, em geral, possam ajudar, de alguma forma, na inclusão dessas crianças.

A elaboração e a execução do plano de AEE são de competências dos professores que atuam na sala de recursos multifuncionais ou centros de AEE, em articulação com os demais professores do ensino regular, com a participação das famílias e em interface com os demais serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros necessários ao atendimento (BRASIL, 2009, p.24).

De acordo com Sasaki inclusão social pode ser conceituada como sendo o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui então em um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre as soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Existem pontos fundamentais para a inclusão de uma criança autista na escola, para isso é fundamental que todos os envolvidos, família, amigos e escola, os tratem normalmente, tentando entendê-los na sua forma de ser, proporcionando tratamento em todas as áreas que precisem. Certamente deveria haver mudanças não só curriculares, mas fundamentalmente nas atitudes no que diz respeito às pessoas envolvidas neste processo (NASCIMENTO, 2007)

Portanto, o educador inclusivo precisa ter clareza do caminho que terá que percorrer para conseguir alcançar os objetivos. Conscientizar as pessoas para que tenham uma sociedade mais justa, com dignidade para todos, sabendo que dessa forma poderá obter possibilidades e alternativas para praticar inclusão, tão sonhada pelos pais. O educador deve ter noção de que, a partir do momento em que ele escolheu lidar com a educação inclusiva, ele precisa ter a plena certeza que fará uma conscientização em relação ao conteúdo a ser trabalhado com os alunos.

É necessário que o docente tenha conhecimento dessa realidade que os seus alunos vivenciam e das influências do ambiente, considerando a cultura da sociedade em que a escola está inserida para que suas intervenções sejam referidas a essa realidade de forma crítica e

reflexiva. Cunha (2014) assegura que é de grande importância a atenção para a orientação do aluno, pois a mesma oferece suporte na troca de respostas aos devidos estímulos do ambiente, e ainda, orienta com algumas dicas para os professores e professoras que trabalham com autistas.

Penetrar no mundo do autista; concentrar-se no contato visual; trazer sempre o olhar do autista para as atividades que ele está fazendo. Entreter-se com as brincadeiras do autista; procurar sempre enriquecer a comunicação. Mostrar a cada palavra uma ação e a cada ação uma palavra; tornar hábitos cotidianos agradáveis; fazer tudo com serenidade, mas com voz clara e firme (CUNHA, 2014, p. 85).

O autismo, assim como, todas as outras necessidades educacionais especiais, requer do professor uma preparação adequada, uma capacitação, pois os educandos necessitam dessas competências profissionais para contemplarem uma educação de fato inclusiva, posto que, sua aprendizagem necessita do preparo do educador. Sobre isso, uma das questões postas na entrevista foi se todos os estudantes com TEA tem condições de enfrentar uma sala de aula. A resposta de Fabiana, foi a seguinte:

*“Não. Se o autismo for mais grave, eles têm muita dificuldade por questão sensorial de ficar na sala de aula por vários aspectos ambientais, sendo necessário fazer o plano educacional individualizado, cuja finalidade é analisar as áreas que o aluno consegue desempenhar.*

Mas, eles são capazes de aprender. Conforme a mesma entrevistada, *“todos são capazes de aprender, se forem estimulados de forma eficaz e tendo o apoio necessário.”*

Sobre essa questão Manuelita, mãe de Clarice apresenta o seguinte relato:

*“A minha não consegue ficar dentro da sala. É muito barulho é muita informação no mesmo tempo. Até hoje ela não sabe identificar nada, cor, letra, números, nada, mas conheço casos de muitos que levam uma vida normal, ou pelo menos perto do normal. A minha não tem interesse em fazer nada.”*

Assim, Manuelita afirma que diante da dificuldade de ensinar alunos com autismo, *“os professores deviam elaborar tarefas de acordo com a necessidade de cada um.”*

Como Carvalho (1998 apud FONSECA, 2014, p.157) destaca que, o mais importante diante da realidade que requer urgência para melhor servir é a capacitação dos professores, devendo esta ser de qualidade já que a especialização não se faz presente no momento de alguns educadores. A escola precisa investir sempre na capacitação dos seus educadores para assim, trabalhar com a inclusão na escola com o máximo de excelência possível.

Fizemos também à Marla que é professora há vinte anos, a seguinte questão: você busca outras formas para ter maior conhecimento sobre o autismo além da formação continuada? A resposta da professora foi a seguinte:

*“Fiz recentemente um Seminário pela AFAAG -Autismo onde me aperfeiçoei e aprimorei meus conhecimentos, para que eu possa cada vez mais ser uma profissional capacitada para trabalhar com essas crianças com (TEA), em consideração ao aluno que já estou fazendo atendimento e a outros possíveis que puderem vir! A cada dia aprendo mais com meu aluno autista e me apaixono mais em buscar novos conhecimentos para repassar a ele fazendo a inclusão na turma da escola. Assim a cada nova experiência e curso sinto que além de poder passar conteúdos à altura dele eu cresço mais ainda profissionalmente.*”

Sobre esse ponto tratado na entrevista, Manuelita, por sua vez, afirma: *“fazem cursos com frequência, mas na hora da prática não sei o que acontece que nada é feito.”* E a entrevistada completa: *“não existe inclusão. A verdadeira inclusão não passa do papel. Infelizmente!”*

Ainda a respeito da capacitação de professores Fabiana assinala que *“infelizmente nem todos são e muitos nem tem interesse, triste realidade, porque escolher essa profissão é ter plena certeza que a inclusão na sala de aula fará parte em algum momento.”*

Logo, é importante ressaltar que a formação continuada de professores é fundamental para que seja possível contribuir de uma maneira melhor para o processo inclusivo. É preciso que na escola tenha profissionais qualificados para o desenvolvimento de um trabalho que atenda crianças com autismo e lhes garantam a possibilidade de relacionar-se com o ambiente onde ele está inserido.

De acordo com Santos (2010), a formação dos professores para atuação do trabalho com a diversidade é de grande importância, pois é essencial para a inclusão efetiva. Nesse sentido, a professora Marla reforça que:

*“As crianças com autismo, em geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas se obtiverem um programa intenso de aulas haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem é um trabalho árduo e precisa muita dedicação e paciência da família, e da escola, mas juntos podem fazer um ótimo trabalho e obter resultados positivos.”*

A respeito de como as famílias devem lidar com as dificuldades enfrentadas na escola, Fabiana a indica que o caminho se faz pelo diálogo, pela relação de parceria, ou seja,

*“conversando, trazendo a escola para ser amiga. Gosto muito desta frase: “A inclusão é um caminho sem volta”. Então de mãos dadas com a escola, o caminho fica mais acessível.”*

Diante do que foi dito por Fabiana é preciso que a escola se una com as famílias para que juntos possam criar caminhos que possam amenizar as necessidades e as dificuldades, de cada criança. Ela continua dizendo que o melhor caminho é o diálogo entre as pessoas e as escolas.

Avalia-se que mesmo com os avanços nos últimos anos, ainda há muito por fazer quanto à inclusão, especialmente das crianças com autismo, pois cada um, precisa estar consciente de seu papel nessa caminhada. Percebe-se ainda, que é primordial aprofundar mais o estudo sobre a referida síndrome, pois como educador/a, o conhecimento deve ser algo em constante aperfeiçoamento.

#### **04- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo sobre o autismo possibilitou um melhor entendimento desde sua história até as características do comportamento do indivíduo autista, visto que, é um transtorno que abrange complexidade em todos os âmbitos sociais, principalmente no âmbito escolar. A inclusão de alunos autistas na escola regular é um grande desafio, pois para que a inclusão seja uma realidade é necessário a preparação dos docentes e de todo corpo escolar. A inclusão de crianças que apresentam transtorno do espectro autista nas escolas de ensino regular é uma conquista assegurada por lei, isto contribuir para o desenvolvimento da criança que possui esse transtorno.

De acordo com as pesquisas bibliográficas levantadas, para que possamos entender se processo inclusivo ocorre da melhor maneira, pois é necessário o trabalho tanto dos profissionais do atendimento educacional especializado, quanto do trabalho do professor regente.

Também é preciso ressaltar que a relação família-escola é de grande importância para o trabalho inclusivo, pois através de tal relacionamento é possível promover qualidade na inclusão, pois a comunicação da família junto à escola vem só a contribuir para o desenvolvimento de processo social dos autistas dentro desses dois ambientes conjuntamente.

## 05 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fátima. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio.** 5.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

BRASIL. 2012. Lei nº 12.764, de dezembro de 2012. **Regulamento Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990.** Brasília: Casa Civil.

BRASIL. 2015. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Estatuto da Pessoa com Deficiência.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção integral às crianças e jovens com autismo no SUS: construção de uma rede pública ampliada que garanta acesso e qualidade.** Documento apresentado à primeira reunião do Grupo de Trabalho sobre Atenção ao Autismo no SUS, realizada em 26/03/08. Secretaria de Atenção à Saúde/DAPES/Coordenação Nacional de Saúde Mental. Brasília, 2008.

BRASIL.[Estatuto da pessoa com deficiência (2015)]. **Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência recurso eletrônico]:** Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência) / Câmara dos Deputados. - Brasília; Câmara dos Deputados. Edições Câmara, 2015 - (Série legislação; n.2000)

CARVALHO, R. E et al. **Salto para o futuro. Educação especial: Tendências atuais.** Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação à distância. Brasil em ação, 1999.

CAVACO, N. **Minha criança é diferente?** Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais especiais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família.** 5ª ed. RJ: Wak Ed., 2014.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar.** 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P.(orgs.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem:** conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Editora Alínea, 2003.

FERREIRA, Patrícia Palmerino Terra. **A Inclusão da Estrutura TEACCH na Educação Básica.** Frutal-MG: Prospectiva. 2016.

FONSECA, B. **Mediação escolar e autismo:** a prática pedagógica intermediada na sala de aula. RJ: Wak Editora, 2014.

HERNÁNDEZ, F., SANCHO, J. M. **A Formação a partir da experiência vivida.** Pátio revista pedagógica, Porto Alegre, ano 10, nº 40, novembro 2006/ janeiro 2007. Trimestral.

HIGASHIDA, David Mitchell. Naoki, 2007. Tradução para o inglês; **O que me faz pular** KA Yoshida e 2013 Introdução © 2013 Publicado originalmente no Japão pela Escor.

JERUSALINSKY, A. **Psicose e autismo na infância: Uma questão de linguagem.** Psicose, 4 (9). Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, RS, 1993.

KANNER, L. Child, **Autistic Disturbances of Affective Contact.** Nervous Winston, v.2, p. 217-250, 1943.

KENYON, P. B; KEYON, S. E; MIGUEL, C. F. **Análise Comportamental Aplicada (ABA)–** Um modelo para a educação especial. In: CAMARGOS Jr, W. et. al. Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. Brasília: Corde, 2002. p. 148-154.

KLIN, AMI. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral.** Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v.28, n.1 p. 3-11, 2006.

LIMA, P.A. **Educação inclusiva e igualdade social.** São Paulo: Avercamp, 2006.

Paulo, Memno. **Manejo de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar: guia de orientação a professores** [livro eletrônico]. São Paulo: Memnon, 2014.1.004,23 Kb; PDF

MELLO, A. M. S.R. A Ama, **Associação de amigos do autista de São Paulo hoje.** In: CAMARGOS JR. W et al. (Coord.) Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio. Brasília: Corde, 2005. p.187-190.

MERCADANTE, Marcos T.; ROSÁRIO, Maria C. **Autismo e cérebro social**. São Paulo: Segmento Farma, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência**: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon, 1999

NASCIMENTO, L.M. **Educação Especial**. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Indaial: Asselvi, 2007.

PARANÁ, Conselho Estadual de Educação. **Deliberação n.º 02/2003**. Disponível em <http://www.cascavel.pr.gov.br/appis/legislacao/le02deliberacao.htm>. Acesso em 02/11/08

PAULA, C. S. et al. Brief report: Prevalence of Pervasive Developmental Disorder in Brazil: A pilot study. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. 41(12), 1738-1742, 2011.

PAULA, I. L.O. **Avaliação crítica sobre a inclusão escolar dos portadores de necessidades educacionais especiais**. Passos, 2005.

PIMENTA, P.; DRUMOND, C. **Pode o autismo ser diferenciado da esquizofrenia?** Almanaque online, julho 2009. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.institutopsicanalisemg.com.br/psicanalise/almanaque/almanaque5.htm>. Acesso em: 08 de dez. 2017

ROBISON; John Elder. **Olhe nos meus olhos: minha vida com a síndrome de Asperger**; tradução Júlio de Andrade Filho. — São Paulo: Larousse do Brasil, 2008

RODRIGUES, Janine Marta C.; SPENCER, Eric. **A criança autista**: um estudo psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak, Brasil, 2008.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2009.

SUPLINO, M. H. F. de O. **Ensinando as pessoas com autismo e deficiência intelectual**. Rio de Janeiro: Ed. Diferenças, 2011.68 p

TABACHI, Dalva Mãe, Me Ensina a Conversar. Vencendo o Autismo com Amor (Português). 20 Agosto 2015.

## ANEXOS

### Roteiro de entrevistas

#### 1ª. Entrevista

Local da entrevista: Condomínio Águas Claras.

Entrevistada: Marla Cristina Lavrinha Ribeiro

Escolaridade: Superior completo em Pedagogia

Profissão: Professora

Entrevistadora: Auriana Santos Lima Carmo

Data de Realização da entrevista: 20/05/2020

#### **1 - Fale de sua experiência, seu conhecimento a respeito do Transtorno do Espectro Autista.**

Minha experiência em trabalhar com alunos com (TEA), Transtorno do Espectro Autista, ou seja, um distúrbio do comportamento, está sendo considerada a maior e melhor experiência que estou tendo nesses mais de 20 anos de trabalho em escolas! Trabalho esse que não é fácil, mas é muito gratificante ao ver resultados positivos!

#### **2 - Há quanto tempo você lida com essa questão do autismo?**

Sempre fui parceira da APAI de Aparecida de Goiânia nas festividades me interagindo com todos que lá estavam entre eles os autistas! E trabalho como apoio de crianças especiais à 2 anos, em especial à um autista a exatamente, 5 meses.

#### **3 - O que lhe fez se sentir interessada em aprofundar sobre o Autismo?**

Fiz recentemente um Seminário pela AFAAG -Autismo, onde me aperfeiçoei e aprimorei meus conhecimentos, para que eu possa cada vez mais ser uma profissional capacitada para trabalhar com essas crianças com (TEA), em consideração ao aluno que já estou fazendo atendimento e

à outros possíveis que poderão vir! A cada dia aprendo mais com meu aluno autista e me apaixono mais em buscar novos conhecimentos para repassar a ele fazendo a inclusão na turma da escola. Assim a cada nova experiência e curso sinto que além de poder passar conteúdos à altura dele eu cresço mais ainda profissionalmente.

#### **4 - Com qual idade é possível diagnosticar se uma criança é autista?**

Não há um consenso exatamente sobre a idade, mas provavelmente desde os primeiros anos de vida por volta dos 2/3 anos de idade.

#### **5 - Como os professores podem garantir o acolhimento na sala de aula?**

Conscientizando todos os colegas que somos todos iguais, apenas com uma dificuldade de aprendizagem maior ou menor um do outro, além de interagir o aluno a todos em sala com dinâmicas, acolhimento coletivo, atividades feitas em grupo!

#### **6 - Na escola, para quais comportamentos os professores devem ficar atentos e que podem sinalizar casos de autismo?**

Na falta de comunicação, socialização e imaginação do aluno.

#### **7 - Toda criança com um interesse específico por um assunto pode ser diagnosticada com TEA?**

Não exatamente, refere-se a uma série de transtornos que caracterizados por desafios em habilidades sociais, comportamentos repetitivos, fala e comunicação não verbal, assim como características únicas e diferentes. Não existe um autismo único e sim vários tipos, causados por diferentes combinações genéticas.

#### **8 - Como o diretor da escola pode garantir a inclusão de alunos com autismo?**

A inclusão começa na matrícula, que é direito garantido por lei, esta não se encerra aí. A escola deve oferecer um ambiente onde os alunos autistas se sintam acolhidos, respeitados e recebam as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento integral que os demais estudantes. É somente a partir desta integração participativa que gestores, docentes e colegas podem então apoiar estas crianças e jovens em suas especificidades.

**9 - Quais as recomendações para os pais que enfrentam dificuldade para matricular os filhos com autismo?**

Primeiramente procurar seus direitos! Em 2012 a então presidente Dilma Rousseff, aprovou a Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A lei diz que as pessoas com autismo têm direito a um acompanhante especializado nas escolas, desde que seja comprovada a real necessidade, que pode ser com um laudo médico ou relatório de um pedagogo especialista em educação especial. Recusar ou dificultar a matrículas de estudantes com autismo é crime.

**10 - O que o professor pode fazer para minimizar as dificuldades de convívio social, enfrentadas pelos alunos autistas?**

A interatividade entre toda à turma em atividades feitas coletivamente! Havendo essa interação todos saberão respeitar o direito de cada um, deixando que o aluno autista se sinta bem ao meio dos outros!

**11 - Quais os desafios colocados ao professor na sala de aula, ao lidar com crianças com autismo? Como o professor deve proceder ao lidar com as diferenças?**

Conquistar o laço de confiança em um autista é um grande desafio que não é fácil, mas também não é impossível! Para que isso aconteça deve ter relatos dos pais, e mostrar ao aluno que você está ali para ajudá-lo no ele precisar! E um segredo para ter sucesso nesse quesito é a comunicação com o próprio autista que deve ser bem clara e objetiva.

**12 - Todas as crianças com TEA são capazes de aprender?**

Sim! com certeza, mesmo que o processo seja mais lento, sendo no tempo deles, mas todos tem a capacidade do ensino e aprendizagem.

**13 - Diante da dificuldade de ensinar alunos com autismo, o que os professores devem fazer para sanar as necessidades deles?**

O professor deve organizar a sala de aula para efetivamente conseguir ensinar os alunos e dar tempo ao tempo e na medida do possível e da dificuldade realizar as atividades.

**14 - Como funciona o aprendizado de uma criança autista na escola?**

As crianças com autismo, em geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas se obtiverem um programa intenso de aulas haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem é um trabalho árduo precisa muita dedicação e paciência da família , e da escola, mas juntos podem fazer um ótimo trabalho e obterem resultados positivos.

**15 -Há algo mais que você poderia destacar a partir de sua experiência e conhecimento sobre o autismo?**

Que à cada dia procuro me aperfeiçoar mais, para que eu possa suprir mais e mais a necessidades que meu aluno autista necessita, e que eles são apenas diferentes no modo de pensar e realizar as atividades, mas que seu potencial, criatividade e capacidade vão além do que se pode imaginar.

**2ª. Entrevista**

Entrevistada: Fabiana Gonçalves Dias Rocha

Escolaridade: pós graduada

Profissão: advogada

Nome do filho André Luiz Dias Rocha

Idade do filho 7 anos e 4 meses

Ano escolar do filho 2º

Data de realização da entrevista: 26/05/2020

Entrevistadora: Auriana Santos Lima Carmo

**1- O que você fez para descobrir que seu filho (a) é uma criança autista?**

Fui atrás de um especialista para confirmar o diagnóstico, que deve ser psiquiatra ou neuropediatra.

**2- Como foi sua reação ao saber disso?**

Eu já desconfiava que meu filho tinha algo diferente desde 9 meses de vida, como ele tem uma irmã gêmea, era nítido o desenvolvimento dentro dos padrões dela, e dele não. Viver na incerteza do que seu filho tem é muito difícil, devido ao atraso global e cognitivo, eu tive receio de até ser um tumor na cabeça, então quando recebi o diagnóstico em 02/07/2016, queria sumir e ao mesmo tempo ir para o céu agradecer a Deus, pois a partir daquele momento tínhamos a confirmação do que era o atraso, dificuldade social e outros.

### **3- Como foi o processo de aceitação?**

Vou ser egoísta em dizer que queria o autismo no meu filho, é doído, é complicado, é difícil, uma luta sem fim, mas devido ao autismo dele hoje sou uma pessoa muito melhor. Como eu já desconfiava, meu luto durou um dia e no outro virou luta. Mas tem dias ruins e dias bons, tem dias de choros e dias de alegria, como qualquer ser humana.

### **4- De que forma a sociedade pode contribuir para o desenvolvimento e inclusão de crianças autistas?**

Conscientizarem mais sobre o autismo. Nos últimos anos, a conscientização acerca dos direitos da pessoa autista tem ganhado o espaço na sociedade. Embora tal enfoque tenha vindo depois de muita incompreensão, é louvável que a atual geração já comece a ter o reconhecimento que esse grupo merece.

Contudo, ainda é preciso saber de muitas maneiras que podem facilitar o acesso de quem tem o autismo a atividades sociais. As ações de inclusão podem começar em casa, em situações que farão com que a criança, o adolescente ou o adulto possa ser inserido em atividades que podem trazer ao autista e a seus familiares resultados muito satisfatórios.

O que os professores devem fazer para minimizar essa dificuldade?

- 1.Utilizar formas diferentes para apresentar informações;
- 2.Tentar minimizar as distrações do aluno em sala de aula;
- 3.Ensinar métodos de estudo e estratégias de aprendizagem;
- 4.Planejar rotinas diárias de estudo para o aluno;
- 5.Fornecer aulas de reforços e monitorias;
- 6.Manter contato e relacionamento com a família;
7. Fazer o PEI. O processo de ensino para crianças com atraso no desenvolvimento é chamado de PEI. O plano de ensino individualizado (PEI)ajuda nos estudos e como ensinar de modo

eficiente para essas crianças que precisam de uma atenção maior. É um recurso pedagógico que focaliza somente no aluno.

Resumindo: Se especializar, analisar cada caso, lembrando que autismo é um espectro, cada um é de um jeito, não é receita de bolo.

### **5- Como o diretor da escola pode garantir a inclusão de alunos com autismo?**

A inclusão deve começar na matrícula, direito garantido por lei, mas não se encerra aí. A escola deve oferecer um ambiente onde os alunos autistas se sintam acolhidos, respeitados e recebam as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento integral que os demais estudantes. Como o espectro do transtorno autista é amplo e se manifesta de diferentes maneiras, para algumas crianças a dificuldade pode estar na fala, muito embora ela ouça e compreenda perfeitamente tudo o que é dito. Outros têm menos sensibilidade no tato e precisam destes estímulos sensoriais. Compreender o que os agrada e causa desconfortos é, portanto, essencial.

Outro passo indispensável é conversar com os professores, mantendo reuniões periódicas para discussões, relatos de experiências e leituras. Esclarecimentos sobre a condição, também precisam ser disseminados entre o corpo docente e de mais funcionários a fim de desconstruir falácias como aquela que diz que os alunos autistas são menos capazes. É importante reiterar como estes estudantes, na verdade, têm tempos e maneiras diferentes de estabelecer relações afetivas e de ensino-aprendizagem.

Lembrando que também é garantido por lei o professor de apoio para aqueles casos que necessitam.

### **6- Toda criança com um interesse específico por um assunto pode ser diagnosticada com TEA?**

Não. Trata-se de um mito. Nem todas as crianças com TEA apresentam necessariamente o que se chamar de “interesse focal” e nem todas as crianças com um interesse específico têm esse diagnóstico médico. O ideal na dúvida é procurar um especialista.

### **7- Quais são as dificuldades enfrentadas pelos pais para matricular os filhos com TEA no ensino regular?**

A maioria das escolas não estão preparadas, e muitas delas negam a matrícula, e configurando desta forma um crime, é uma das maiores dificuldades que temos, fora o constrangimento e dano emocional que as famílias passam por isso.

LEI FEDERAL n. 12.764 DE 2012 - POLÍTICA NACIONAL  
DE PROTEÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Art. 7º - O gestor escolar, ou autoridade competente que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos.

**8- Para você o que os professores podem fazer para sanar as dificuldades de convívio social, enfrentadas pelos alunos autistas?**

Conforme resposta do item 2, ajudando a melhorar as dificuldades no contexto geral, ajudará no convívio social e outros afins, repetindo que a inclusão envolve um todo, ou seja, em todos os lugares, não só na escola.

**9- Se a escola não aceitar a matrícula de uma criança autista, o que pode ser feito?**

Em primeiro lugar é bom frisar que a escola cometeu um erro gravíssimo e deverá responder de ordem material e moral para a criança autista. Além disso, o artigo 4º da Lei 12.746/2012, diz que o autista não poderá sofrer qualquer discriminação por motivo da deficiência.

O direito de frequentar a escola e participar plenamente de todos os aspectos da vida escolar é assegurado em lei. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI), aprovada em 2015, determina que o acesso de crianças e adolescentes com deficiência à educação não podem ser negado, sob qualquer argumento, tanto na rede pública quanto na privada. A lei proíbe, ainda, a cobrança de qualquer valor adicional nas mensalidades e anuidades para esse público.

Se, no entanto, as tentativas de diálogo com a escola se esgotarem, uma alternativa é contatar a área de educação inclusiva da Secretaria de Educação do município e, oportunamente, o Ministério Público, exigindo os direitos da criança.

Lembrando que o direito à educação inclusiva não se restringe ao acesso (matrícula e presença), compreendendo também o desenvolvimento de suas potencialidades para a plena participação em igualdade de condições.

**10- Todas os estudantes com TEA tem condições de enfrentar uma sala de aula?**

Não. Se o autismo for mais grave, eles têm muita dificuldade por questão sensorial de ficar na sala de aula por vários aspectos ambientais, sendo necessário o fazer plano educacional individualizado, cuja finalidade é analisar as áreas que o aluno consegue desempenhar ou não. Eles são capazes de aprender? Todos são capazes de aprender, se forem estimulados de forma eficaz e tendo o apoio necessário.

**11- Diante da dificuldade de ensinar alunos com autismo, o que os professores devem fazer para sanar as necessidades deles?**

Conforme resposta item 2, segunda pergunta.

**12- Como lidar com as dificuldades enfrentadas na escola?**

Conversando, trazendo a escola para ser amiga. Gosto muito desta frase “A inclusão é um caminho sem volta”. Então de mãos dadas com a escola, o caminho fica mais acessível.

**13-Existe o atendimento educacional especializado na escola?**

Em algumas escolas sim, mas também existe escola regular e especial. Os docentes são capacitados para dar aula inclusiva? Infelizmente nem todos são e muitos nem tem interesse, triste realidade, porque escolher essa profissão é ter plena certeza que a inclusão na sala de aula fará parte em algum momento.

**14- O que você pensa sobre as escolas inclusivas?**

Na escola inclusiva o processo educativo deve ser entendido como um processo social, onde todas as crianças portadoras de necessidades especiais e de distúrbios de aprendizagem têm o direito à escolarização o mais próximo possível do normal. Ou seja, uma modalidade de ensino para todos. Elas realmente incluem? Sim, esse é o objetivo.

### **3ª. Entrevista**

Nome completo da entrevistada: Manuelita Freitas Neta

Escolaridade: Segundo grau completo

Profissão: do Lar

Nome do filho: Clarice Freire Freitas

Idade do filho: 11 anos

Ano escolar: 5 anos

Data de realização da entrevista: 22/05/2020

#### **1- O você fez para descobrir que seu filho (a) é autista? Como foi sua reação ao saber disso? Como foi o processo de aceitação?**

Tivemos que correr muito atrás de médicos para descobrir o que ela tinha, muito difícil o diagnóstico, quando descobrir que ela tinha uma deficiência quase enlouqueci, nem sabia o que era autismo no começo pensava que era depois fui aceitando, depois pensei que tinha cura que tinha algum remédio que ia melhorar com as terapias, de início não tinha noção que seria para a vida toda. Com o tempo fui me acostumando e posso falar no assunto sem chorar, ou pelo menos chorar muito. O processo de aceitação é longo e dolorido são muitas noites sem dormir muitas lágrimas derramadas, pois não sabemos como irá ser o amanhã.

#### **2- De que forma a sociedade pode contribuir para o desenvolvimento e inclusão de crianças autistas? O que os professores devem fazer para minimizar essa dificuldade?**

Se a sociedade fosse menos preconceituosa era um bom começo os professores deveriam ter mais interesse em ensinar, mas ninguém quer fazer nenhum esforço

#### **3- Como o diretor da escola pode garantir a inclusão de alunos com autismo?**

Os diretores não têm interesse também, pois acham q inclusão é só aceitar o aluno na escola e n colocam a criança para participar de quase nada, sempre chego na escola e vejo Clarice isolada do restante da escola. A escola até hoje foi para cumprir tabela.

**4- Toda criança com um interesse específico por um assunto pode ser diagnosticada com TEA?**

Até onde sei não. Talvez tem um interesse específico, mas não é autista pode ser o jeito da pessoa.

**5- Quais são as dificuldades enfrentadas pelos pais para matricular os filhos com TEA no ensino regular?**

Geralmente a escola aceita fazer a matrícula de boa. O problema vem depois. Temos que correr para conseguir o professor de apoio e tentar a tão sonhada inclusão.

**6- Para você o que os professores podem fazer para sanar as dificuldades de convívio social, enfrentadas pelos alunos autistas?**

Os professores tinham que ter um desempenho maior e ter interesse pensam que a criança tem que cumprir aquele horário a escola e só.

**7- Se a escola não aceitar matrícula de uma criança autista no que pode ser feito?**

Pode se recorrer no ministério público, pois todo autista tem o direito a matrícula.

**8- Todas os estudantes com TEA tem condições de enfrentar uma sala de aula? Eles são capazes de aprender?**

A minha não consegue ficar dentro da sala. É muito barulho é muita informação no mesmo tempo. Até hoje, ela não sabe identificar nada, cor, letra, números, nada .mas conheço casos de muitos que levam uma vida normal, ou pelo menos perto do normal. A minha não tem interesse em fazer nada.

**9- Diante da dificuldade de ensinar alunos com autismo, o que os professores devem fazer para sanar as necessidades deles?**

Acho que deviam elaborar tarefas de acordo com a necessidade de cada um.

**10- Como lidar com as dificuldades enfrentadas na escola?**

Complicado porque se vamos questionar alguma coisa, falam que não tem como os professores fazer algum trabalho.

**11- Existe o atendimento educacional especializado na escola? Os docentes são capacitados para dar aula inclusiva?**

Fazem cursos com frequência, mas na hora da prática não sei o que acontece que nada é feito.

**12- O que você pensa sobre as escolas inclusivas? Elas realmente incluem?**

Não existe inclusão. A verdadeira inclusão não passa do papel. Infelizmente.